



GÊNERO E TRABALHO :MEU CORPO FALA NA PESCA

Corpo, gênero, sexualidade, saúde e sustentabilidade em expressões geradoras de diferentes práxis em construção no Pibid - programa de iniciação à docência

Christiane Pereira Rodrigues¹

Elenise Faria Scherer²

Antônia Mara Raposo Diógenes³

Resumo

Este artigo tem como proposta identificar os significados que as mulheres dão aos seus corpos e as condições de saúde em que se encontram através do trabalho de pesca do camarão na comunidade da Salvação, no município de Alenquer – PA, baixo Amazonas no espaço geográfico amazônico. A pesquisa de campo realizada no ano de 2016, que envolveu a observação, entrevistas e, quando permitido, registros fotográficos e gravações de áudio, nos consentiu trazer para a discussão acadêmica as relações de gênero na pesca, contida na temática da mulher, e, principalmente, as condições que se encontram as mulheres pescadoras de camarão da Amazônia.

Palavras chave: Mulheres. Corpo. Pesca Trabalho.

O trabalho de pesca realizado por mulheres


O trabalho com a pesca é cíclico, contudo as ações e obras que o circundam tendem a sofrer transformações, graças à capacidade que o homem tem de se adaptar a um meio ecológico complexo. E isso é possível graças aos saberes acumulados sobre os lugares e as diferentes formas pelas quais o trabalho é realizado, que depende da mobilização e do domínio de técnicas: de caça, pesca, plantio, identificação, na mata, de recursos que alimentam seu sistema de preservação da saúde, de curas, manejo de espécies e de defesa dos membros do grupo. As mulheres pescadoras de camarão deparam-se, cotidianamente, com questões envolvendo as relações e os papéis de gênero. O homem não é pescador de camarão. Está, assim, inserida em um universo de gênero hierárquico, que não reconhece a importância

¹ Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM - Bolsista FAPEAM-RH/interiorização. Parintins, Amazonas/Brasil, christianerodrigues82@hotmail.com.

² Professora Titular da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Pesquisadora da FAPEAM e CNPq, orientadora no PPGCASA/UFAM. Manaus, Amazonas/Brasil, elenisefaria@gmail.com.

³ Professora da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/Campus Parintins e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPG-CASA/UFAM. Parintins-Amazonas/Brasil, antoniaraposo@gmail.com.





do trabalho da mulher. A pesca do camarão é percebida como um trabalho fácil, próprio da mulher, tornando-se desvalorizado e invisibilizado.

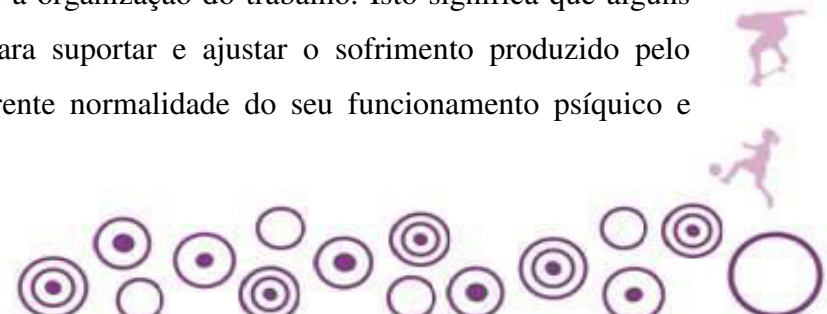
Em nosso estudo, a discussão a respeito do conceito de gênero parte do pressuposto de que este é uma construção social entre o masculino e o feminino, sendo uma categoria analítica e histórica presente nos estudos sobre mulher. De acordo com Saffioti (2004), o conceito de gênero não explicita, necessariamente, a desigualdade entre homens e mulheres, pois compreende também relações igualitárias. Scott (1995) destaca que as categorias raça, etnia e gênero são construções sociais, ou seja, são compreendidas hierarquicamente, expressando-se em posições sociais desiguais. Isso se faz refletir, conseqüentemente, no trabalho das mulheres, considerado como obrigação ou ajuda, desmerecendo-se, assim a importância da mulher nas frentes de trabalho.

De acordo com Maneschy, Alencar e Nascimento (1995, p. 82), “rever, questionar e criticar o padrão de relações de gênero e o papel secundário das atribuições femininas é, portanto, tocar em visões de mundo e em atitudes muito arraigadas”. As autoras questionam a invisibilidade da pescadora na cadeia produtiva da pesca, considerando que elas, geralmente, aprenderam a arte de pescar com suas mães e que são elas as responsáveis por transmitir o conhecimento e a familiaridade com a atividade pesqueira às novas gerações, na medida em que necessitam levar os filhos, muitas vezes, para as suas atividades laborais, na ausência de creches nessas comunidades (MANESCHY et al., 1995, p. 86).

A insalubridade dos locais de pesca, os perigos, as muitas horas de esforço físico, passam despercebidos no cotidiano dessas trabalhadoras pela sociedade e por elas mesmas. Em seus discursos percebe-se um direcionamento maior para momentos felizes e não dão tanta relevância para os problemas enfrentados no cotidiano do trabalho.

A teoria da homeostase do risco preconizada por Wilde (1994) mostra que os seres humanos reagem às mudanças externas procurando manter um certo “equilíbrio” nos níveis de risco anteriormente aceitos. O autor Dejours (1991) tem um ponto de convergência nessa teoria, onde mostra que o meio no qual estamos inseridos é percebido como mais perigoso ou nocivo, tendemos a procurar formas para voltar a reequilibrar e estratégias defensivas.

Dejours (1991) afirma que os trabalhadores encontraram diferentes estratégias sejam elas individuais ou coletivas para se protegerem da violência emanada das formas atuais em que se encontram as relações laborais e a organização do trabalho. Isto significa que alguns trabalhadores encontraram um meio para suportar e ajustar o sofrimento produzido pelo trabalho e, ainda assim, manter a aparente normalidade do seu funcionamento psíquico e corporal.





Como anda o corpo da mulher pescadora?

A pesca do camarão modifica o corpo da mulher: a gente fica mais magra, a pele queima, o cabelo queima, mas a gente aguenta, pois, essa pesca não é para qualquer um (Pescadora de camarão há 33 anos)

A fala da pescadora acima, nos leva a refletir sobre as condições de trabalho as quais estão expostas as mulheres pescadoras de camarão e o quanto o corpo delas é capaz de suportar essas adversidades constantemente. Para Gerber (2015) é “preciso ter um corpo para a pesca”, o qual é construído “na e pela pesca” pelo “adestramento corporal” que se faz na repetição e imitação cotidiana que disciplina o corpo em relação às necessidades diárias. É necessário muito preparo físico para garantir horas embaixo do sol e chuva na mesma posição, em embarcações sem nenhum conforto. Ou seja, não se nasce com um corpo para a pesca, ele é cotidianamente moldado através do trabalho. O “corpo é fabricado num contínuo, na experiência da/na pesca: a força, a mão, a coluna vertebral, as pernas, os ombros, os olhos” (p. 162).

As condições de trabalho das mulheres pescadoras de camarão da comunidade da Salvação são insalubres ocasionando muitas dores e transformações irreversíveis em seus corpos. Em suas narrativas aparecem essas ponderações a respeito dessas transformações:

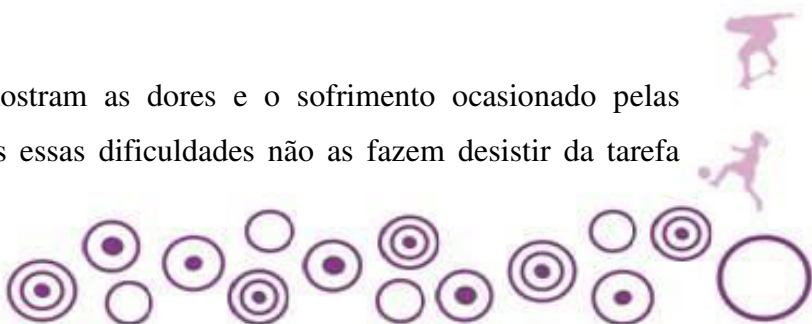
Quando estou cozinhando o camarão me dá muita dor nos meus olhos por causa da fumaça na hora de cozinhar, sinto meu corpo enfadado nessa hora (Pescadora de camarão há 30 anos).


Quando a mulher se joga para o trabalho, ela envelhece mais rápido, pois tem pescadora que passa o dia todo pescando, não descansa, quando eu vou, levo banana, pipoca, café, comida para manter (Pescadora de camarão há 15 anos).

Sinto muita dor de cabeça desde o parto do meu primeiro filho, acho que é de tanto pegar sol. Minha costa fica muito dolorida depois de um dia pescando camarão. A pesca do camarão modifica o corpo da mulher, pois, a gente emagrece, mas, quando está direto, descai bastante. Passa do horário de comer e também fica mais morena, porque pega muito sol (Pescadora de camarão há 28 anos).

Eu sinto muitas dores nos rins eles estão inflamados, fui no medico e ele disse que eu tinha que fazer um ultrassom, eu fiz faz pouco tempo. O médico disse que essas dores são porque eu fico muito tempo sentada na hora da pesca. Mas sinto também muita dor no braço e nas pernas, principalmente quando está frio (Pescadora de camarão há 26 anos).

As narrativas das pescadoras mostram as dores e o sofrimento ocasionado pelas repetitivas horas de trabalho diário, mas essas dificuldades não as fazem desistir da tarefa





continua de sobreviver. Como já dito anteriormente, o trabalho de pesca do camarão é essencial para essas mulheres, pois é ele é a própria vida. O trabalho não assegura apenas a sobrevivência aos indivíduos, mas a vida da espécie, a perpetuação da condição humana (ARENDDT, 2014).


O direito à saúde, por hora, poderia ser repensado com maior urgência, pois as mulheres das populações rurais são as que mais sofrem em nosso país devido a precariedade do sistema de saúde pública. Os depoimentos abaixo vêm confirmar um quadro lamentável que assola o cotidiano dessas mulheres pescadoras:

Uma grande dificuldade foi quando tive um bebê que morreu dentro de mim, quase bato as botas, tava com infecção, ia várias vezes no médico, mas eles diziam que não podiam fazer nada. Já faz uns 9 anos, passei por uma situação muito difícil estava enxada e grávida, mas quando cheguei no hospital em Santarém o bebê morreu, os médicos me desenganaram, mas foi Deus que me ajudou. E como o bebe morreu minha barriga ficou dura e não queria descer, eu sofri muito com tudo isso. Foi uma mulher que me viu e orou para Deus, intercedendo por Deus pra mim socorrer até senti que o bebê desceu, ele nasceu grande e já fazia mais de 24 horas morto dentro de mim, ainda vi meu filho morto com sague no nariz, depois tiveram que fazer corretagem por que o sangue não desceu, ele coalhou dentro de mim. Fiquei de 20 dias no hospital, vim para Salvação, mas 4 meses depois senti muitas dores e voltei para o hospital e tiveram que me operar, tiraram todas minhas trompas, agora não posso mais ter filhos (Pescadora de camarão há 20 anos).

É lamentável reconhecer que as mulheres na atualidade herdaram os valores persistentes da sociedade brasileira, valores dominantes machistas, que desafiam os direitos de cidadania das mulheres. Percebe-se nesse discurso o descaso dos setores públicos de saúde. Como uma mulher grávida somente é informada que o filho morreu em seu ventre depois de 24 horas? E hoje, essa mulher não pode mais ter filhos, em virtude de uma infecção adquirida nessa ocasião. Em seu depoimento, e a pescadora não reconhece a responsabilidade do Estado quanto a negligência médica. Logo abaixo, o depoimento de uma pescadora sobre o tratamento recebido em hospitais públicos:

Não gosto de ir em hospitais, pois sempre sou mal atendida. Eles olham para nós da cabeça aso pés e sabem que a gente é da comunidade. Uma vez, tive que ir ao médico levar meu filho, ele estava com uma diarreia muito séria. Quando eu cheguei lá, demorou muito para eu ser atendida. Quando eu entrei na sala do médico ele perguntou *se eu não cuidava da biqueira de minha casa*. Eu fiquei muito ofendida, pois pareceu que ele estava dizendo que eu era descuidada com a água que eu oferecia aos meus filhos. Não é porque moramos em uma comunidade que somos





peças sem higiene, cuidamos muito bem de nossos filhos (Pescadora de camarão há 28 anos).

No depoimento da pescadora fica evidente os maus tratos nos hospitais sofridos por ela e sua família. O discurso machista do médico que atendeu a pescadora somente confirma uma sociedade que responsabiliza a mulher por todas as obrigações familiares, inclusive a de *dar conta* de manter o filho saudável. Esse médico nem ao menos buscou informações antes de estabelecer um diagnóstico ao filho da pescadora, simplesmente, acusou a mulher de não saber cuidar direito de sua família.

As mulheres pescadoras não têm informações a respeito dos seus direitos sociais e não têm à disposição um sistema de atendimento à saúde do Estado em sua comunidade e quando buscam atendimento médico vão ao município de Alenquer. Porém, recorrem a esse recurso somente quando não tem alternativa na comunidade. E quando conseguem atendimento são hostilizadas pelos profissionais de saúde e isso acaba afugentado essas mulheres e seus familiares dos centros de saúde.

Agora ninguém faz nada se não for pago, não gosto de ir nos hospitais, pois sempre sou maltratada (Pescadora de camarão há 20 anos).

Tive dois filhos que morreram no hospital, um de pneumonia e outro de hepatite, é muito difícil eu ir no hospital (Pescadora de camarão, há 20 anos,).


É muito difícil pegar uma consulta, só se tiver morrendo eles socorrem. Caso contrário, não atendem, nem adianta ir lá, eu vou direto à farmácia (Pescadora de camarão há 22 anos).

Encontramos na comunidade da Salvação mulheres que nunca realizaram preventivo em toda sua vida. Algumas, por terem vergonha, pois não receberam informações suficientes a respeito da importância do exame, e outras, por implicância e machismo do marido. Essa vergonha do próprio corpo é construída socialmente impulsionada pelo marido e funcionando como um meio simbólico para reafirmar a dominação do homem sobre a mulher e da qual se constrói a divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2015).

Faz-se necessária uma reflexão e esclarecimento para as mulheres na comunidade da Salvação a respeito de seus direitos enquanto cidadã e da importância dos cuidados com o corpo da mulher e a naturalização de exames como o preventivo uterino mostrando sua importância para prevenção de futuros problemas de saúde.

Conclusão





Observamos que o machismo é muito presente na comunidade pesqueira, o que interfere diretamente nas condições de vida das mulheres que acabam por desenvolver inúmeras atividades para garantia da reprodução social do seu grupo familiar e, tendo como consequências danos físicos e desgaste psicológico gerado pela sobrecarga de trabalho. Geralmente, sofrem caladas em meio a dinâmica do seu cotidiano e modo de vida.

Enfim, como podemos observar, os direitos sociais ainda parecem uma realidade teórica, existente na legislação, mas distante da população ribeirinha amazônica. O atendimento à saúde a população rural, precisa ser repensado com urgência. As trabalhadoras rurais, pescadoras/agricultoras são as que mais sofrem em nosso país devido a precariedade do sistema de saúde.

Referências

- ARENDDT, H. **A Condição Humana**. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 13.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o Mar: Pescadoras Embarcadas no litoral de Santa Catarina, Sul do Brasil**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.
- MANESCHY, M. C. A.; ALENCAR, E., NASCIMENTO, I. H. Pescadoras em busca de cidadania. In: ÁLVARES, M. L. M.; D'INCAO, M. A. (Org.). **A Mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia**. Belém: GEPEM/GOELDI, 1995, pp. 81-96.
- MANESCHY, M. C. A. **A mulher está se afastando da pesca?** Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, v. 11, n. 2, p. 145-166, 1995.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SCOTT, J. Gênero: **uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade Faculdade de Educação/UFRGS, v.20, n.2, p.71-99, jul/dez.1995.
- WILDE, G. **Target risk: Dealing with the danger of death, disease and damage in everyday decisions**. Toronto: PDE Publications. Disponível em: <file:///C:/Users/Particular/Downloads/v004p00162b.pdf>. Acesso em 09/09/2017.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

